

Heroes for Sale/ 1933

um Filme de **William A. Wellman**

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Robert Lord, Wilson Mizner *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,37): James Van Trees *Direcção Artística:* Jack Okey *Montagem:* Howard Bretherton *Intérpretes:* Richard Barthelmess (Tom Holmes), Loretta Young (Ruth), Aline Mc Mahon (Mary), Gordon Wescott (Roger Winston), Robert Barrat (Max), Charles Grapewin ("Pa" Dennis), Berton Churchill (Winston), Grant Mitchell (George Gibson), James Murray (o cego), Robert McWade (dr. Briggs), Margaret Seddon (Ella Holmes), Arthur Vinston (capitão Joyce), Ward Bond (o "vermelho"), Hans Furberg (o prisioneiro alemão), George Pat Collins (o chefe dos agitadores), Willard Robertson, Douglas Dumbrille, Tammany Young, John Marston, Edwin Maxwell, Robert Elliott.

Produção: Warner Bros (EUA, 1933) *Cópia:* 35mm, preto-e-branco, versão original em inglês e alemão legendada electronicamente em português *Duração:* 71 minutos *Estreia Mundial:* 21 de Julho de 1933, Strand, Nova Iorque *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca:* 28 de Outubro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Nestes primeiros anos da década de 1930 muitos filmes se fizeram nos EUA com a crise económica por tema, e muitos se continuaram a fazer ainda até ao seu fim. Entre eles outro Wellman, **Wild Boys of the Road**. Mas possivelmente nenhum (e meço bem o peso da palavra) terá a importância deste espantoso **Heroes For Sale**. Porque está aqui tudo, e de uma forma que é a de quem pouca importância dá a análises políticas e sociológicas, fazendo sobressair todo o drama de um país numa simples narrativa, um drama pessoal, a história de um dos muitos "John Doe". E está tudo não apenas desse ponto de vista, mas também de todos os filmes que se fizeram sobre a Depressão, ciclo que encerra, com chave de ouro, em 1939 e 1940, com as obras-primas de Raoul Walsh e John Ford, **The Roaring Twenties** e **The Grapes of Wrath**. Mesmo estas duas obras são devedoras deste filme que descobrimos estupefactos. Já tenho falado das afinidades que ligam Wellman àqueles dois realizadores, e também a Hawks e Capra (e todos eles trataram, à sua maneira, daquele tema). **Heroes For Sale** parece uma síntese de todos eles, feitos e por fazer. Como o James Cagney de **The Roaring Twenties**, o personagem de Richard Barthelmess deixou na guerra sonhos e ilusões. Como os deserdados da terra do filme de Ford, o grupo de desempregados vai procurando trabalho ao longo dos Estados, escoraçados de todos eles por grupos de cidadãos inquietos com a sua própria situação – e repare-se na pasmosa sequência, perto do fim, em que Holmes reencontra o velho companheiro de guerra no abrigo debaixo da ponte à chuva, e que parece antecipar a genial sequência, no filme de Ford, da morte de John Carradine.

Ao contrário, porém, do filme de Walsh, Tom Holmes não se torna fora-da-lei, e ao contrário do filme de Ford, não há uma etapa decisiva, um sonho florido, uma cooperativa Federal, uma Califórnia dourada. **Heroes For Sale** é o mais desesperado e sombrio dos filmes de Wellman e a única réstea de esperança que deixa é a frase final de Holmes após o grupo em que se integra ser expulso mais uma vez de uma cidade: "Felizmente parou de chover". De novo, como em tantos filmes de Wellman que vimos, e veremos, a chuva tem uma função dramática capital: todos os momentos decisivos se passam, praticamente, debaixo dela (a "queda" de Tom Powers, o "public enemy", por exemplo). Na obra de Wellman **Heroes For Sale** está paredes meias com **The Wild Boys of the Road**, e juntos formam o díptico definitivo sobre a Depressão e essencial para o estudo desta época histórica dos EUA.

Como **The Roaring Twenties**, **Heroes For Sale** começa na frente de batalha na Europa, com Holmes incorporado no Exército americano e empenhado num dos muitos combates de desgaste de trincheiras. Numa acção temerária

destrói um ninho de metralhadoras e captura um soldado alemão. Porém, ao regressar à sua trincheira é atingido e dado como morto pelo companheiro que se acobardara, e vai ficar com os louros da acção de Holmes. Quanto a este, encontrado pelos alemães, é levado para o hospital e termina a guerra como prisioneiro, dependente da morfina que lhe foi administrada por causa das dores. É a primeira marca de um destino que parece encarniçar-se contra ele. Todo o resto da sua odisseia será uma sucessão de equívocos e de confusões que o fazem pagar culpas de outros. É fácil justificar a "queda" de um homem honesto no mundo do crime nestas circunstâncias (**The Roaring Twenties**). Já é mais difícil fazer a odisseia de um homem em permanente combate contra a adversidade, mantendo a dignidade. E é isso que Wellman consegue neste filme prodigioso. Há um momento em que o *cliché* parece impor-se, mas como noutros filmes que já vimos, se Wellman faz uso dele é para se afastar, mostrando como seria fácil segui-lo. Refiro-me, concretamente, à sequência em que, caixa no banco do seu companheiro de guerra, procura satisfazer o vício que trouxe da guerra, mas não tem posses para pagar ao fornecedor. O dinheiro que lhe passa pelas mãos é uma tentação. O resto seria previsível no clássico *thriller*. Mas Wellman não está interessado nisso, e sim na dignidade pessoal do seu herói. Tom irá passar, voluntariamente, por uma cura de desintoxicação a fim de poder começar vida nova.

Em muitos filmes de Wellman a história, e o percurso dos personagens, é, voluntariamente ou não, uma reflexão sobre a história do seu país (lembre-se a propósito o genial **Westward the Women**, um dos poucos westerns históricos em toda a acepção da palavra). E isso é facilmente detectável no percurso de Tom Holmes. À fase traumática do pós-guerra, com um infindável número de ex-combatentes tentando, bem ou mal, readaptar-se a uma vida civil que quase os esqueceu (a experiência dramática dos EUA nestes anos levou à criação de organismos especiais para a readaptação dos soldados no final da segunda guerra mundial), seguem-se os anos de luz e de esperança, em que a Nação reencontrou a confiança, os homens o trabalho e a estabilidade, com um pouco de felicidade. A esta fase corresponde a vida de Tom em Chicago, a sua carreira na empresa de lavandaria e o casamento com Ruth. O futuro parece sorrir com a nascimento do filho, mas é sol de pouco dura. Outro volte-face, outra fuga ao *cliché*: não é, como em **The Crowd**, a morte de um filho que precipita a tragédia. O drama de Vidor é humano, o de Wellman é social, o objecto do filme de Vidor é o indivíduo, o de **Heroes For Sale** é o colectivo.

Para este inconsciente (ou não?) anarquista a culpa localiza-se acima do homem, na sede de lucros da grande finança (**The President Vanishes**) e na sua indiferença para com os trabalhadores. E esta violência económica gera outra, a explosão das massas a quem roubaram o trabalho. Estou a falar "marxista"? Ora vejam o filme. A compra da empresa por um monopólio leva à automatização e, na sequência desta, aos despedimentos em massa. E este descontentamento é aproveitado por agitadores que provocam um motim e um confronto com a polícia, numa encenação assombrosa de violência incontrolável (a carga da polícia, os gases lacrimogéneos), onde, como uma flor perdida e pisada, Ruth (Loretta Young) perde a vida. E de novo a ironia cruel do destino e a perversa confusão que já impedira Tom de receber os louros da sua acção em combate. Na tentativa de acalmar os homens, Tom é confundido com um dos agitadores, preso e condenado. Numa montagem rápida Wellman dá-nos a passagem dos anos sobrepondo o seu trabalho na cadeia e o crescimento dos lucros do seu investimento num amigo. A saída coincide com o auge da Depressão e a primeira imagem que tem da vida em "liberdade" são as longas filas da sopa dos desempregados. Marcado pelo condenação, visto agora como um agitador em potência, Tom é expulso da cidade pela polícia e deixa os lucros da sua conta à amiga (Aline MacMahon) para o seu trabalho de apoio aos desempregados. E depois é a errância, que o levará de cidade em cidade, de Estado em Estado, em busca de trabalho, e escorraçado como todos os que vão consigo. Estamos em 1933, Roosevelt é eleito, o New Deal vai começar. Felizmente parou de chover. Mas ainda é noite e há muito caminho a percorrer. A estrada está aberta. Capra virá depois, apelar à solidariedade e celebrar a esperança. Mas já estava tudo dito. Os filmes seguintes são o dia. Ao de Wellman, a **Heroes For Sale**, "cela s'appelle l'aurore".